



Clipping Nacional

de

EDUCAÇÃO

Brasília, 12 de Setembro de 2019

Bolsas de pesquisa

O Ministério da Educação anunciou que vai reativar 3.182 bolsas de pesquisa que haviam sido cortadas pelo governo. Na semana passada, a Capes (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) havia anunciado um corte que atingiu 5.613 bolsas. Agora, o MEC reverteu o cancelamento de 3.182 bolsas desse total. Os benefícios serão repassados para pesquisadores ainda neste ano.

Universidades

O Brasil ampliou o número de universidades listadas no Times Higher Education, o principal ranking mundial da educação. O país tem 46 universidades listadas - 11 a mais que na edição anterior - e passou a ocupar o sétimo lugar em números de instituições ranqueadas. São 28 federais, 11 estaduais e sete particulares. A britânica Universidade de Oxford continua como a melhor do mundo. A USP é a brasileira (e latino-americana) mais bem colocada, no bloco que vai das posições 251 a 300.

O maior abismo entre os gêneros é a matemática

Por Carola Hoyos | Financial Times



Seiscentas das pessoas mais inteligentes do mundo estão em uma tenda em Bath, no oeste da Inglaterra, ouvindo um homem exaltar as conquistas dos presentes. Ele anuncia que há um vencedor da medalha "Fields" entre eles. Olhos ávidos tentam descobrir o felizardo que está prestes a receber a premiação de maior prestígio do mundo da matemática.

Esta é a cerimônia de encerramento da 60ª Olimpíada Internacional de Matemática (IMO, na sigla em inglês), a competição mundial anual voltada para estudantes do ensino secundário. São 621 adolescentes representando 112 países aguardando a distribuição das medalhas. Eles passaram dias trabalhando em problemas que muitos professores universitários não conseguiriam resolver.

O homem na tribuna, um matemático e presidente do órgão que promove a olimpíada, solta a última frase de efeito. "Há um medalhista Fields nesta sala, só que

ele ainda não sabe disso". Estatisticamente Geoff Smith está certo. Metade de todos os medalhistas Fields são também vencedores da IMO. Os 52 novos medalhistas de ouro da IMO têm 50 vezes mais chances de ganhar a medalha Fields - o "Prêmio Nobel de Matemática - do que alguém com PhD em matemática pela Universidade de Cambridge.

Embora ele se corrija minutos depois, o professor também está certo, pelo menos estatisticamente falando, ao usar o pronome masculino quando diz que "ele ainda não sabe". Das 61 medalhas Fields concedidas desde 1936, somente uma foi entregue a uma mulher. Maryam Mirzakhani recebeu a sua em 2014 após ganhar a medalha de ouro da IMO para o Irã em 1994 e 1995. Ela morreu dois anos atrás.

Percorrendo-se a plateia, vê-se que quase não há mulheres. Ao fundo está a equipe de seis meninas dos Emirados Árabes Unidos e mais à frente a adolescente (17 anos) Jelena Ivancic, da Sérvia, única garota a pontuar alto o suficiente para participar da competição pela medalha de ouro.

A maioria dos países, especialmente aqueles no topo do ranking, possui programas nacionais unissex visando a competição. Eles precisam escolher os seis membros das equipes que disputarão a IMO.

Das 25 nações mais bem posicionadas na competição deste ano, 148 membros de equipes eram garotos e duas eram garotas.

O abismo no topo da matemática é tão grande que é difícil pensar em um conjunto de dados unissex comparável que seja global e compreenda um período de 60 anos. Quase ninguém, de neurocientistas, geneticistas a educadores e matemáticos, sugere que a razão dessa discrepância se deve a diferenças inerentes nas habilidades entre os sexos. Se isso estiver correto, significa que em todo o mundo as meninas estão sendo afastadas da matemática.

Isso é importante, não só porque as principais mentes vão ganhar a medalha Fields e avançar no campo da matemática, como também porque elas vão trabalhar em ciências da computação e escrever algoritmos que vão definir nosso futuro em um mundo movido pela inteligência artificial.

Os matemáticos de ponta também seguem carreiras em finanças e vão determinar a estabilidade das economias, também entram na medicina e na ciência para trabalhar os problemas mundiais mais prementes. Quando as mulheres não estão presentes, preconceitos são incutidos nos sistemas. Isso é especialmente potente na inteligência artificial.





Doug Gurr, presidente da Amazon UK, diz que as habilidades matemáticas serão importantes em quase todos os empregos do mundo no futuro. Na Amazon, afirma ele, "vemos as habilidades matemáticas como essenciais para o trabalho do dia a dia em todos os níveis: da avaliação de impactos à contabilidade, ao aprendizado de máquina, à robótica e à inteligência artificial".

Habilidades com números são vitais para todo mundo. Mas segundo Alain Dehaze, presidente-executivo da Adecco, a maior empresa de recrutamento do mundo, as habilidades matemáticas serão muito valiosas em um futuro mais automatizado. Especialmente, a de conseguir comunicá-las para os generalistas, ou a capacidade de detectar padrões, resolver problemas de forma lógica, trabalhar com estatísticas, probabilidades e grandes conjuntos de dados para prever o que virá.

Po-Chen Loh, professor de matemática da Carnegie Mellon University de Pittsburgh e técnico da equipe americana da IMO, acredita que "não há absolutamente nenhuma diferença de habilidade" entre mulheres e homens. "Acho que as meninas ouvem de várias partes, ao longo de suas vidas, que as mulheres não são tão boas em matemática e ciências", diz ele.

Isso é particularmente forte na matemática, onde uma resposta está certa ou errada e todo mundo acaba se deparando com um problema que não consegue resolver. Quando a cultura de alguém ou a falta de

exemplos a serem seguidos transmitem a mensagem de que as meninas não são tão boas em matemática, fica muito mais fácil desistir e se voltar para outros assuntos e interesses.

Em 12 anos, a equipe americana não contou com nenhuma menina na olimpíada e alguns de seus membros temem que o abismo entre os gêneros esteja crescendo em termos de habilidades. Até agora, tentativas como competições voltadas apenas para meninas fizeram pouca diferença nas estatísticas.

Dame Celia Hoyles, uma das mais conhecidas especialistas em métodos e teorias de educação de matemática do Reino Unido, diz que o temor de cometer erros está desencorajando as pessoas, especialmente as meninas. "Adoraríamos mudar essa visão, mas ela está enraizada e uma geração passa isso para a outra."

Educadores chamam isso de "medo da matemática" e vêm tentando há décadas enfrentar o problema. Os progressos têm sido lentos, mas Dame Celia observa que houve uma melhora no número de meninas que tiram a nota máxima em matemática para obter a graduação. Os esforços para tornar a matemática menos preconceituosa em termos de gênero aumentaram na última década. Mas preconceitos culturais que começam no nascimento, incluindo as expectativas que minam a disposição das meninas de cometer erros, são mais difíceis de mudar, assim como a maneira como as garotas adolescentes abordam o aprendizado.

Quando perguntada por que acha que há poucas meninas estudando matemática, Jelena Ivancic, a medalhista de ouro da IMO, diz: "Eu me esforcei sozinha quando era mais nova porque eu gostava muito... Não acho que as garotas não sejam capazes. Talvez elas não tenham o suficiente ou pensem que não são boas o bastante".

Lisa Sauermann, a mais condecorada participante feminina da IMO de todos os tempos, sugere que a atitude dos pais e a cultura podem ter um efeito profundo, especialmente no começo da vida. A mãe de Sauermann cresceu na ex-Alemanha Oriental onde, culturalmente, era normal mulheres serem cientistas e matemáticas.

Um estudo publicado no ano passado pelo IZA Institute of Labor Economics concluiu que o socialismo europeu teve benefícios duradouros sobre as conquistas matemáticas das mulheres. Mas a grande ascensão foi na Ásia, especialmente na China. Das duas equipes vencedoras, a dos EUA e a da China, todos os garotos, com exceção de um, tinham ascendência asiática. A Coreia do Sul e a Coreia do Norte ficaram em terceiro e quarto lugares, respectivamente, e das 15 nações mais bem colocadas, todas, com exceção dos EUA, são asiáticas ou de ex-estados socialistas. Apenas as equipes da Sérvia e da Polônia incluíram meninas.

"Isso não diz respeito a determinados grupos étnicos terem mais capacidade. Acho isso falso", diz o professor Loh, ele mesmo filho de pais chineses. "Se você quiser ter





uma grande habilidade em alguma coisa, precisará de muito tempo e dedicação. Quando alguém fala sobre a cultura chinesa, essa ideia de se concentrar nos estudos é algo muito difundido."

O professor Loh, que passa uma quantidade de tempo significativa tentando levar a matemática para as massas, observa que há um propósito maior nisso do que ganhar medalhas. "A matemática ensina você a questionar, como ser confiante de que você promoveu suas conclusões lógicas e aí você de fato acredita no que está fazendo. Então você tem um mundo com um discurso. Um mundo em que nós, enquanto sociedade - e estou falando de 7 bilhões de pessoas - podemos nos entender melhor." (Tradução de Mario Zamarian)

Governo deve liberar até R\$ 15 bi do Orçamento

Com arrecadação acima do esperado nos últimos dois meses, expectativa é que União desbloqueie parte dos recursos contingenciados. Ministérios de Justiça, Educação, Desenvolvimento e Ciência e Tecnologia disputam verba

MANOEL VENTURA
manoel.ventura@bsb.oglobo.com.br
BRASÍLIA

O Ministério da Economia decidiu liberar parte dos recursos que estão bloqueados no Orçamento deste ano. O valor que será disponibilizado para os ministérios ainda está sendo fechado pelos técnicos da equipe econômica, mas deve ficar entre R\$ 11 bilhões e R\$ 15 bilhões, segundo fontes do órgão.

A equipe econômica, por outro lado, tem sido pressionada pelo Palácio do Planalto e por outros ministérios para que a liberação chegue a R\$ 20 bilhões.

O ministro da Casa Civil, Onyx Lorenzoni, disse à TV Globo que o montante liberado será de R\$ 14 bilhões este mês, em outubro, seriam mais R\$ 6 bilhões.

A ala política do governo está preocupada com o desgaste provocado pelo Orçamento enxuto neste ano e no próximo. Esse valor, porém, ainda não está garantido, e pode só ser atingido em novembro. O número final só será fechado na próxima semana.

Na tarde de ontem, ao chegar ao

Palácio do Planalto, o presidente em exercício Hamilton Mourão foi indagado sobre qual será o montante liberado. Ele ressaltou que o Ministério da Economia “é dono do dinheiro”, mas disse que R\$ 20 bilhões “devem” ser disponibilizados até o fim do ano:

—O Ministério da Economia é dono do dinheiro. Até o fim do ano, uns R\$ 20 bilhões devem ser liberados.

PRESSÃO DA ALA POLÍTICA

Atualmente, o Orçamento está contingenciado em R\$ 33,4 bilhões, o que atinge principalmente os ministérios da Educação, Defesa e a própria Economia. Isso representa 26% de tudo que pode ser bloqueado, o que gera impacto direto sobre os serviços do governo. A Receita Federal, por exemplo, só tem recursos para os sistemas de arrecadação e do Imposto de Renda até o dia próximo 24.

Diante da penúria, a ala política do governo, encabeçada por Onyx, pressiona pela liberação de verbas. Há pedidos também de outros ministros, principalmente Sergio Moro (Justiça) e Abraham Weintraub (Educação). O ministro do Desenvolvimento Regional, Gustavo Canuto, também quer mais dinheiro, principalmente para o Minha Casa Minha Vida. Já o ministro da Ciência e Tecnologia, Marcos Pontes, precisa de mais recursos para pagar bolsas do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e

Tecnológico (CNPq).

O anúncio oficial da liberação será feito no próximo dia 20, quando o Ministério da Economia divulgará o quarto relatório bimestral que avalia o comportamento das receitas e dos gastos federais. As áreas que receberão os recursos só devem ser definidas no dia 30.

O governo avalia que será possível descontingenciar o Orçamento porque conseguirá dinheiro extra. A arrecadação federal dos últimos dois meses veio cerca de R\$ 8 bilhões acima do esperado. Uma das explicações foram negócios como fusões, aquisições e aberturas de capital nos últimos meses, que impactaram as projeções de receitas, segundo fontes. Nessas operações, houve ganho de capital, sobre o qual há pagamento de IR.

Além disso, o Ministério da Economia pediu aos bancos públicos para anteciparem o pagamento de dividendos do primeiro semestre, o que seria feito no fim do ano. Dividendos são a parte do lucro das empresas distribuída aos acionistas.

Depois da solicitação, o conselho do BNDES já aprovou a antecipação de R\$ 1,8 bilhão em dividendos à União, mesmo passo que deve ser seguido pela Caixa Econômica Federal. O Banco do Brasil já tem uma política de pagar os dividendos antes do fim do semestre.

O problema do Orçamento de 2019 não está relacionado com o teto de gastos — regra que limita o





crescimento das despesas da União — , mas com a frustração de receitas, muito ligada ao desempenho da economia. O teto passará a ser dor de cabeça para o governo só no ano que vem.

Foi necessário bloquear recursos no Orçamento para cumprir a metade do resultado das contas públicas deste ano, de déficit de R\$ 139 bilhões. Todo o Orçamento de 2019 foi elaborado no ano passado considerando um crescimento de 2,5% para o PIB. Agora, projeta-se expansão de 0,85%. Como o PIB é o principal parâmetro para o cálculo da receita federal estimada no ano, a arrecadação acaba sendo menor que o previsto, e é preciso contingenciar para garantir o cumprimento da meta fiscal.

Colaborou Daniel Gullino

MEC anuncia que reativará 3.182 bolsas da Capes



*Abre a Capes. Há a festa em Brasília, celebrando por mais recursos para bolsas de pós-graduação e incentivo à pesquisa

Com a medida, número de incentivos cortados neste ano cai de 11,8 mil para 8,6 mil, atingindo cerca de 9% do total ofertado no início do ano

RENATA MARIZ

renata.mariz@bsb.oglobo.com.br
BRASÍLIA

A Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) reativará 3.182 bolsas vinculadas a cursos de pós-graduação com as notas máximas (5 a 7), anunciou ontem o ministro da Educação, Abraham Weintraub.

Com isso, o número de incentivos cortados pela agência de fomento neste ano cai de cerca de 11,8 mil para 8,6 mil — o equivalente a aproximadamente 9% do total de bolsas de pós ofertadas pelo órgão

no início deste ano.

Weintraub informou que obteve recursos para garantir a reativação das bolsas ainda neste ano em reunião com integrantes do Ministério da Economia, na última terça-feira.

Em 2019, as 3.182 bolsas representarão um investimento de R\$ 22,4 milhões.

Segundo ele, as bolsas serão ofertadas “a partir de amanhã (hoje)”.

O MEC anunciou ainda ter obtido mais R\$ 600 milhões para o orçamento da Capes no ano que vem, que sofreu uma queda expressiva, de cerca de 50% na proposta orçamentária enviada ao Congresso, em relação aos R\$ 4,2 bilhões de dotação deste ano.

NEGOCIAÇÕES EM ANDAMENTO

Com o dinheiro extra, segundo o

presidente da Capes, Anderson Correia, será possível garantir a manutenção dos bolsistas atuais e mais a dos 3.182 que ingressarão no sistema. Novos editais para o ano que vem, no entanto, ainda não estão garantidos.

— Outras negociações estão em andamento para garantir novas bolsas — disse Correia, que participou da entrevista coletiva.

No total, a fundação ligada ao MEC tem atualmente cerca de 92 mil bolsistas de pós-graduação (mestrado, doutorado e pós-doutorado) e 119 mil de formação de professores da educação básica.

O ministro da Educação afirmou que a prioridade foi reativar bolsas de cursos de pós-graduação com as melhores notas “porque são os que dão maior retorno para a sociedade”. Weintraub reclamou de reportagens na imprensa sobre os impactos dos cortes de bolsas para a ciência, dizendo se tratar de “terror e pânico que em nada ajudam”.

Mostrou-se também incomodado com a publicação, nos veículos de comunicação, de um ofício enviado por ele ao Ministério da Economia com erros de português, como “paralização” com z em vez de s.

— Saiu do MEC é meu o erro, apesar de que não fui eu que escrevi — assinalou o ministro.

Ranking internacional inclui mais universidades brasileiras

Paulo Saldaña

BRASÍLIA O Brasil ampliou o número de universidades listadas no mais prestigiado ranking internacional, o THE (Times Higher Education), liderado neste ano pela britânica Universidade de Oxford. Nenhuma instituição do país, contudo, aparece entre as 250 melhores.

A USP (Universidade de São Paulo) repete o resultado do ano anterior e é a brasileira —e latino-americana— mais bem colocada na edição 2020, divulgada nesta quarta (11).

Com 46 universidades listadas, 11 a mais do que na última edição da publicação britânica, o Brasil tem a sétima maior representação entre as instituições relacionadas. A marca supera a de países co-

Ranking Times Higher Education

Brasil tem 46 universidades na lista, sétima maior presença

Posição no ranking, em relação ao ano anterior = Manteve ▼ Caiu ▲ Subiu

As cinco universidades melhor colocadas	Localização	2020
Universidade de Oxford	Reino Unido	1 =
Instituto de Tecnologia da Califórnia	EUA	2 ▲
Universidade de Cambridge	Reino Unido	3 ▼
Stanford	EUA	4 ▼
Instituto de Tecnologia de Massachusetts	EUA	5 ▼

As cinco brasileiras melhor colocadas	Localização	2020
Universidade de São Paulo	USP	251–300 =
Universidade de Campinas	Unicamp	501–600 ▼
Universidade Federal de Minas Gerais	UFMG	601–800 =
Universidade Federal do Rio Grande do Sul	UFRGS	601–800 =
Universidade de Santa Catarina	UFSC	601–800 ▲

Fonte: THE (Times Higher Education); resultados completos em www.timeshighereducation.com/world-university-rankings/2020/world-ranking





mo Itália e Espanha.

Com menos de 1/10 da população brasileira, o Chile é nação latino-americana mais próxima do Brasil no ranking, com 18 universidades.

Das 46 brasileiras, 28 são federais, 11 são estaduais e 7 particulares. As federais enfrentam uma crise de financiamento. O governo Jair Bolsonaro (PSL) determinou um bloqueio de orçamento de R\$ 2,2 bilhões, referente a 30% dos recursos discricionários (que excluem salários, por exemplo).

O sistema federal de ensino superior perde recursos ano a ano desde 2014. Com o atual corte, as verbas de livre manejo retrocederam ao patamar de uma década atrás.

O ministro da Educação, Abraham Weintraub, tem um discurso crítico às federais, mencionando suas posições em rankings como o THE.

A editora do ranking da THE, Ellie Bothwell, afirma que a hostilidade do atual governo com relação ao tema e os desafios de financiamento prejudicam o país.

“O fato de o Brasil agora aparecer como o sétimo país com mais representação no ranking é certamente uma grande conquista, especialmente considerando a grandeza do seu contingente comparado com o ano passado. Isso traz muita visibilidade e presença do Brasil no cenário mundial”, diz ela, segundo nota oficial.

“No entanto, é lamentável que todos os novos registros do Brasil estejam fora do top 1.000 e que várias outras estejam fora da tabela. As constantes questões de financiamento e a falta de uma estratégia de ensino superior não ajudam a solucionar este problema”, continua.

“O ensino superior global está se tornando um campo cada vez mais competitivo, à medida que as instituições asiáticas continuam a crescer, e o Brasil terá que trabalhar mais para fazer avanços positivos na tabela de classificação. Para tal, a crescente hostilidade do governo atual em relação à educação superior inspira pouca confiança.”

Questionado pela Folha so-

bre a avaliação da editora a respeito da postura do governo, Weintraub disse que o comentário dela foi deselegante.

“Quanto à declaração de juízo de valor, eu acho que ela saiu do escopo dela, é meio deselegante da parte dela, não agrega nada”, disse. “Que eu saiba, ela não está credenciada a fazer isso, então ela cruzou a linha”.

Weintraub voltou a minimizar o desempenho das instituições. “Quanto ao Brasil estar em sétimo lugar [em número de universidades listadas], é [reflexo do] tamanho da população. Se pegar entre as 100 melhores e entre as 200 melhores, o Brasil não consta com nenhuma universidade.”

O THE 2020 analisou 1.396 instituições em 92 países e regiões (na última edição, eram 1.258 em 86 territórios). O levantamento é elaborado a partir de 13 indicadores que abordam cinco dimensões: ensino, pesquisa, citações de artigos científicos, transferência de tecnologia e internacionalização.

O THE classifica os estabele-





cimentos em ordem até a 200ª posição, e a partir disso reúne as instituições em intervalos.

O top 10 do ranking é dominado pelo Reino Unido e Estados Unidos. A Universidade de Oxford, da Inglaterra, lidera o THE 2020, assim como ocorreu no ano passado.

A Caltech (Instituto de Tecnologia da Califórnia), dos Estados Unidos, aparece na segunda posição. Ao todo, 60 das 200 melhores instituições são norte-americanas.

Somente 12 universidades brasileiras estão entre as mil melhores. Brasileira mais bem colocada, a USP ficou no bloco 251-300, mesma posição em que apareceu no ano passado.

Na sequência aparece a Unicamp, que se posiciona entre 501-600 — no ano passado estava melhor, na posição 401-500. Além da Unicamp, outras quatro universidades federais (UFRJ, UFABC, UFBA e UFSCar) perderam posições no ranking. Com exceção da

UFRJ (que passou do grupo 601-800 para 801-1.000), as demais foram classificadas abaixo das 1.001 melhores.

A Federal de Uberlândia, classificada no ano passado na faixa de mais de 1.001, não aparece mais na lista.

Por outro lado, a UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina) pulou para um grupo superior: passou da posição 801-1000 para 601-800. Outras 11 universidades que não estavam ranqueadas tiveram indicadores que as colocaram no ranking —seis são federais, duas são particulares e as outras duas, estaduais.

A instituição particular mais bem posicionada é a PUC-Rio. Ela fica na posição 601-800, sendo a 7ª entre as brasileiras.

Há 101 escolas da América Latina na lista —a mais bem colocada após a USP é a Universidade para o Desenvolvimento, do Chile. Ela aparece na posição 401-500.

MEC recua e descongela 3.182 bolsas de pesquisa

BRASÍLIA O MEC (Ministério da Educação) anunciou nesta quarta (11) que vai reativar 3.182 bolsas de pesquisa que haviam sido cortadas pelo governo Jair Bolsonaro (PSL).

Na semana passada, a Capes (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) havia anunciado um corte que atingiu 5.613 bolsas. Agora, o MEC reverteu o cancelamento de 3.182 bolsas desse total. Os benefícios serão repassados para pesquisadores ainda neste ano.

Com a retomada dessas bolsas, o saldo de cortes na Capes

no ano atinge 8.629 bolsas, ou 9% das 92.253 bolsas de mestrado e doutorado que eram financiadas pelo órgão no início do ano. As bolsas reativadas estão ligadas a programas de pesquisa com as maiores notas na avaliação da Capes, 5, 6 e 7.

A retomada das bolsas representará um investimento de R\$ 22,4 milhões neste ano. De acordo com o ministro da Educação, Abraham Weintraub, os valores foram garantidos após negociação no Ministério da Economia.

“A gente só vai dar as bolsas se a gente tiver convicção mui-

to grande de que a gente consegue pagar”, disse Weintraub nesta quarta, sem explicar a origem desses recursos.

O governo conseguiu, segundo o ministro, um incremento de R\$ 600 milhões para o orçamento da Capes para 2020.

O projeto de lei orçamentária do próximo ano, o primeiro desenhado pela atual gestão, prevê uma forte queda dos recursos da Capes, passando de R\$ 4,25 bilhões previstos em 2019 para R\$ 2,20 bilhões em 2020, ou R\$ 2,8 bilhões, com esta atualização.

Segundo o presidente da Ca-





pes, Anderson Ribeiro Correia, o incremento de R\$ 600 milhões vai garantir o pagamento das bolsas vigentes, incluindo as liberadas nesta quarta. No entanto, não há recursos previstos para novos benefícios em 2020, nem de retomada das demais bolsas canceladas.

Os 3.182 benefícios reativados já serão liberados para os programas de pós-graduação a partir desta quinta (12). "Parte das bolsas será reativada em setembro, [outras em] outubro e novembro, segundo cronograma da própria universidade", disse Anderson.

Governo recua e libera 3,1 mil bolsas

Capes anunciou reativação de parte dos benefícios a pesquisadores, congelados neste ano, após negociação com Ministério da Economia

COM AGÊNCIA BRASIL
GABRIEL JABUR/MEC

A Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), órgão ligado ao Ministério da Educação (MEC), recuou e vai ofertar parte das bolsas de mestrado, doutorado e pós-doutorado que foram congeladas neste ano. Serão oferecidas 3.182 bolsas em 2019 e no ano que vem, segundo anunciou ontem o órgão. A decisão foi negociada com o Ministério da Economia. A gestão Bolsonaro vinha sendo alvo de protestos por causa do bloqueio de verbas.

Em 2019, o dinheiro remanejado para pagar esses pesquisadores foi de R\$ 22,5 milhões. Já no ano que vem R\$ 600 milhões serão destinados à manutenção das bolsas vigentes e à oferta de novos auxílios. Com isso, o orçamento da Capes para 2020, que estava previsto em R\$ 2,48 bilhões, passa para R\$ 3,05 bilhões, segundo o MEC.



Weintraub. ‘Os que já estavam fazendo pesquisa agora têm recursos’, diz ministro; medida atinge programas de maior nota

As novas bolsas fazem parte do montante de 5.613 que não seriam renovadas, conforme anúncio do governo no dia 2. Com a garantia de mais recursos, a Capes voltou a oferecer parte delas. “Como a gente não

- Total 11.811 é o total de bolsas que chegou a ser bloqueado. Dessas, a Capes liberou ontem 3.182.

tinha a solução, segurou. Encontramos a solução, estamos soltando 3.182 bolsas. As pessoas que já estavam fazendo pesquisa têm recursos para continuar recebendo até o fim da pesquisa delas”, disse o ministro Abraham Weintraub. Segundo ele, serão divulgados no fim

do mês os detalhes sobre a origem dos recursos.

Conforme a pasta, as novas bolsas serão todas ofertadas em programas com notas 5, 6 e 7 (numa escala de 1 a 7) nas avaliações da Capes. “São dos programas das melhores notas porque esses dão maior retorno para a sociedade”, disse. No primeiro semestre, já haviam sido canceladas 6.198 bolsas da Capes

e não há previsão de retomada desses auxílios. “Aqueles bolsas, lá atrás, que estavam com nota muito baixa ou estavam na mão do reitor e ele dava para quem ele quiser deixaram de existir.”





PARA ENTENDER

CNPq não tem verba garantida

Na semana passada, o ministro da Ciência, Marcos Pontes, disse que faria remanejamento interno no orçamento do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) para pagar o valor das bolsas previsto para setembro. A conta é de R\$ 82 milhões. A saída será cortar o orçamento de fomento do CNPq, usado no apoio a outras iniciativas. A situação até o fim do ano, porém, ainda não está resolvida. Faltam R\$ 250 milhões até dezembro para garantir repasses a bolsistas.

País avança em ranking universitário, mas fica longe do topo

Brasil superou Itália e Espanha e é o 7º em instituições em análise da ‘THE’; USP lidera, só que foi rebaixada de faixa

Victor Vieira Paloma Cotes

O Brasil superou Itália e Espanha e subiu da 9.ª para a 7.ª posição entre os países com mais representantes no ranking de melhores universidades da revista britânica Times Higher Education (THE), uma das mais importantes em avaliação do ensino superior do mundo. Os Estados Unidos dominam a lista, com 172, e o Brasil tem 46. A brasileira mais bem colocada – também líder na América Latina – é a Universidade de São Paulo (USP). Mas, segundo a THE, problemas de financiamento educacional e a “hostilidade” do governo Jair Bolsonaro ao ensino superior têm efeitos negativos.

Os dados do levantamento, que inclui 1396 universidades de 92 países e regiões, foram divulgados ontem. A líder é a Universidade de Oxford, do Reino Unido, que já ocupava o topo no ano anterior. O Brasil continua fora do top 250 – a USP está na posição 251-300 (após o 200.º lugar, as instituições são classificadas em faixas), a mesma do ano passado. A segunda brasileira mais bem classificada é a Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), que ficou na faixa 501-600, mas recuou em relação ao

ranking anterior, em que estava em 401-500. Entre as outras brasileiras listadas, a maioria é de instituições públicas.

O Chile, segundo melhor país latino-americano, tem 18 representantes. Já entre as nações emergentes, o destaque vai para a China. Segundo a revista, a Ásia tem aumentado sua relevância no ranking, ameaçando a predominância dos EUA e da Europa. O levantamento da THE é construído com base em 13 indicadores de desempenho, que consideram fatores como ensino, pesquisa, citações em revistas científicas, registro de patentes e internacionalização.

A editora do ranking da THE Ellie Bothwell classificou como “conquista” o fato de o Brasil ter avançado em relação ao ano anterior em número de representantes. “No entanto, é lamentável que todos os novos registros (as instituições que entraram na lista) do Brasil estejam fora do top 1000 e várias outras estejam fora da tabela. As constantes questões de financiamento e a falta de uma estratégia de ensino superior não ajudam a solucionar o problema”, afirmou. “O ensino superior global está se tornando um campo cada vez mais competitivo, à medida que as instituições asiáticas continuam a crescer e o Brasil terá de trabalhar mais para fazer avanços positivos na tabela. Para tal, a crescente hostilidade do governo

atual em relação à educação superior inspira pouca confiança”, destacou.

Desde abril, os bloqueios de verba das universidades federais e da pós-graduação têm motivado críticas e protestos contra a gestão Bolsonaro. Segundo professores, cientistas e alunos, a falta de recursos pode paralisar pesquisas e fazer com que talentos abandonem a academia ou migrem.

MEC. O ministro da Educação, Abraham Weintraub, afirmou respeitar a avaliação feita pela revista e disse que a posição no ranking depende de como foi feita a análise. Criticou, porém, o comentário da editora da

THE. “Foi deselegante da parte dela. E não agrega nada”, comentou o titular da pasta. “Tem de se ater aos dados.”

RANKING

● As melhores do Brasil

1.	Universidade de São Paulo	251-300
2.	Univ. Estadual de Campinas	501-600
3.	Univ. Fed. de Minas Gerais	601-800
4.	Univ. Fed. do R. Grande do Sul	601-800
5.	Univ. Fed. de Santa Catarina	601-800
6.	Univ. Fed. de São Paulo	601-800
7.	PUC-Rio	601-800
8.	Universidade de Brasília	801-1000
9.	Univ. Fed. de Pelotas	801-1000
10.	Univ. Fed. do Rio de Janeiro	801-1000

FONTE: REVISTA THE

ANÁLISE

‘Trabalho é de longa maturação, e de rápida destruição’

Renato Pedrosa

Ocenário que o ranking do Time Higher Education mostra já é um retrato do passado. A notícia é interessante porque mostra que o Brasil vinha evoluindo positivamente, mas os trabalhos que dão base ao ranking podem ter sido publicados três, quatro anos atrás. E o fato de o Brasil estar no ranking, mesmo que não entre as 200 melhores, não é ruim, levando-se em conta que o volume de investimentos em ensino superior não é tão alto quando se compara com outros países como os Estados Unidos, por exemplo.

Na verdade, o País faz milagres nessa área. Na última década, o

Brasil teve um aumento considerável no número de publicações científicas. Mas a questão é o que vai acontecer daqui para a frente, com um cenário de cortes nas universidades e também em pesquisas importantes. Subir em um ranking desses é um trabalho de longa maturação, mas de rápida destruição. Não só a falta de investimentos como também os cortes tendem a aparecer mais para a frente e derrubar a posição do País em rankings importantes.

PROFESSOR ASSOCIADO
DO DEPARTAMENTO DE
POLÍTICA CIENTÍFICA E
TECNOLÓGICA DA
UNIVERSIDADE DE
CAMPINAS (UNICAMP)

Capes terá R\$ 600 mi para bolsas

A Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) vai ofertar, em 2019 e 2020, 3.182 bolsas de mestrado, doutorado e pós-doutorado. A medida foi negociada junto ao Ministério da Economia. Ao todo, R\$ 600 milhões serão destinados à manutenção das bolsas vigentes e à oferta das novas, segundo informou a Agência Brasil. As novas bolsas fazem parte das 5.613 que não seriam renovadas, conforme anúncio feito pelo governo em 2 de agosto. Com a garantia de mais recursos, a Capes voltou a oferecer parte delas.

Segundo o ministro da Educação, Abraham Weintraub, as novas bolsas serão ofertadas em programas com notas 5, 6 e 7 — em uma escala que vai até 7 — nas avaliações da Capes. “São dos programas das melhores notas, porque esses dão maior retorno para a sociedade”, disse. “Como a gente não tinha a solução, a gente seguiu. Encontramos a solução. As pessoas que já estavam fazendo pesquisa têm recursos para continuar recebendo até o fim da pesquisa”, complementou.

Com o incremento de R\$ 600 milhões, o orçamento da Capes para 2020, que estava previsto em R\$

2,48 bilhões, passa para R\$ 3,05 bilhões, segundo o Ministério da Educação (MEC).

Future-se

A Pasta pretende enviar ao Congresso Nacional, no início de outubro, texto que definirá o programa Future-se para que seja analisado pelos parlamentares. De acordo com o secretário de Educação Superior, Arnaldo Barbosa, o governo ainda vai definir se apresentará um projeto de lei ou uma medida provisória (MP).

“Essa será uma decisão especialmente do Palácio do Planalto e depende do grau de consenso que conseguiremos com os reitores. É difícil falar agora, mas não há dúvida de que é urgente ter uma nova estratégia de financiamento para as universidades”, disse.

Um projeto de lei precisa ser aprovado pelo Congresso e sancionado pelo presidente para começar a vigorar. Já a MP passa a valer assim que é publicada pelo presidente da República no Diário Oficial da União, mas precisa ser aprovada pelo Congresso no prazo de até 120 dias, para ser transformada definitivamente em lei.

ENTREVISTA - DAMARES ALVES »**O Brasil é cruel com criança**

Ministra da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos admite falha na rede de proteção e diz que entregará canal de denúncia reformulado

Cida Barbosa



Agora eu sou Estado. Podia dizer que estou fazendo. Não, não sou hipócrita. O Estado precisa melhorar a sua atenção à criança. E quando falo isso, eu assumo a responsabilidade Damares Alves, ministra da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos

À frente do Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, Damares Alves afirma que dá atenção especial ao combate à violência sexual contra crianças e adolescentes. “É a luta da minha vida. Eu fiz da dor a minha luta”, diz, numa referência ao abuso que sofreu na infância e que a impacta até hoje.

Mas ela garante que o enfrentamento a todos os tipos de violações de meninos e meninas é prioridade na pasta. A ministra admite que há falhas na rede de proteção a esse público e garante que está trabalhando para resolvê-las. Uma das ações tem sido o reforço dos conselhos tutelares. O ministério está entregando carros e equipamentos nas unidades pelo país, além de promover cursos de capacitação de conselheiros. O DF recebeu, até agora, veículos, refrigeradores e aguarda outros itens. De acordo com a ministra, um dos focos no momento é fortalecer os conselhos no Entorno. Ontem, ela assinou acordo com a Polícia Federal para suporte, entre outras, às atividades de combate à exploração sexual de crianças e adolescentes nas estradas brasileiras. A pasta também trabalha na reformulação do Disque 100. O canal vai poder receber denúncias, por exemplo, por WhatsApp e outras redes sociais. A seguir, os principais trechos da entrevista de Damares Alves ao Correio.

Existe uma lei que veta castigos físicos contra crianças, mas muitas famílias consideram interferência do Estado.

O que a senhora pensa disso?

A gente tem de respeitar a autonomia da família, mas o Estado não pode se omitir diante da violência contra a criança. E eu falo isso como defensora da família e defensora da criança. Imagine a minha situação.

Sou ministra da Família. Eu estou pregando que a família é a resposta para muitos dos problemas desta nação. E aí, quando eu vou falar da violência contra criança, tenho um relatório dizendo que mais de 85% dos abusos aconteceram dentro de casa. A família é a resposta ou é o problema? Eu entendo que o Estado, nesse conflito, não pode se omitir. Se há família machucando, o Estado tem a obrigação de fazer a interferência para proteger a criança: primeiro a criança. Ela é prioridade em tudo.

Falta divulgação sobre as leis que impedem castigos físicos?

Eu acredito que todo mundo tem de vir para essa luta. Não se pode mais aceitar omissão. A escola vai ter de vir, o professor vai ter de ampliar o seu olhar, a igreja, as instituições religiosas. Todos terão de ampliar esse olhar, começar a aprender a ler os sinais que as crianças estão emitindo. Um sinal de que elas não estão bem: a automutilação. Quando a criança está se cortando, quando ela está derramando sangue do seu corpo, ela está mandando um recado, está gritando. Tem sinal maior do que esse número absurdo de crianças se automutilando no Brasil? Crianças mesmo. Eu tenho ocorrência de criança de 6 anos se machucando no Brasil. Elas estão em profundo sofrimento. Então, todo mundo vai ter de vir para essa luta e, acredito, com mais divulgação. Nós estamos entregando para o Brasil, agora, mais um canal de recebimento





de denúncia. Juro que eu não queria ampliar um canal de denúncia, se estou fazendo isso é porque tenho necessidade. Gostaria que não precisasse de ninguém denunciar, que as crianças estivessem protegidas no Brasil, mas não é a realidade. Vou dizer uma coisa: o Brasil não é cor de rosa, não é o país das maravilhas. É uma nação cruel com criança. E a gente precisa fazer esse enfrentamento.”

Como o Estado pode contribuir no combate à violência física?

O Estado precisa dar as respostas às denúncias que chegam. O fluxo é: recebimento de denúncia, encaminhamento e solução do problema. Vou falar do meu ministério. O Disque 100 recebe a denúncia. A ocorrência aconteceu na cidade de Nossa Senhora da Glória, no interior de Sergipe. Como eu vou chegar, de fato, a essa criança? Adianta eu ter um bom canal de denúncia? Por exemplo, eu recebo a denúncia, vou localizar o Conselho Tutelar da cidade. Esse Conselho tem telefone? Tem computador para eu mandar e-mail? O conselheiro tutelar tem carro para ir à comunidade onde está ocorrendo a violência? Então, esse fluxo e a resposta, o Estado vai ter de dar, vai ter de equipar o conselho tutelar, vai ter de capacitar o conselheiro tutelar. A gente acaba esbarrando na falha da máquina. Agora, estamos aprimorando o fluxo.

A senhora fala em Estado, mas a senhora responde pelo Estado.

Agora eu sou Estado. Podia dizer que estou fazendo. Não, não sou hipócrita. O Estado precisa melhorar

a sua atenção à criança. E quando falo isso, eu assumo a responsabilidade. Na hora em que eu admito publicamente, eu tenho o compromisso público de resolver o problema. A gente precisa fortalecer a rede de proteção à criança.

A sociedade não vê castigos físicos como violência. De que forma se trabalha isso?

Mostrando que é violência. Existe uma diferença muito grande entre educação, disciplina e violência. Se tem pais achando que espancar criança é educação, não é. É violência. Pergunte a um adulto hoje que apanhou excessivamente... Eu apanhei na infância. Nossa geração apanhou muito. Às vezes, dói lembrar daquilo. Então, se tem alguém achando que espancamento, que agressão física é educação, não é. A gente tem de passar dessa fase. Já estava na hora de o Brasil virar esse capítulo.

Como combater a violência sexual contra crianças?

A ciência fala que mais de 50% das crianças vítimas de violência sexual vão se transformar em um abusador. Então, é um ciclo: o abusado vira abusador, e a gente tem de interromper esse ciclo. Com menos abusados teremos menos abusadores. Da mesma forma com relação à violência física. Eu acompanho muitos casos de pais, de agressores de crianças, quando pega o histórico desse cara, ele já veio de um contexto de muita violência na infância. Eu não estou justificando a violência. Mas os cientistas têm razão. São comportamentos repetidos de geração em geração. Então, se uma geração, se uma nação

inteira se levantar e dizer ‘chega’, vamos inibir a violência sexual, a física.

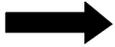
Como está a rede de proteção no país?

Ela precisa muito ser fortalecida. Eu usei o exemplo do Conselho Tutelar. Eu considero um instrumento poderoso na proteção da criança, mas eu ainda tenho conselho tutelar no Brasil que está atendendo de bicicleta. Antes de eu assumir, vi uma imagem de um conselheiro atendendo de jegue, lá no interior do Nordeste. A forma como a rede é estruturada é perfeita: conselho tutelar, Ministério Público, delegacia, a vara de enfrentamento, as comunidades de acolhimento. Temos tudo isso no Brasil, mas muitas não estão bem estruturadas. Eu venho trabalhando nisso. Por exemplo, esse braço que é do nosso ministério, o conselho tutelar, estamos fortalecendo, equipando-os, mas não é só equipar com carro, com computador, é preparar melhor nosso conselheiro. As delegacias de enfrentamento à violência, estamos lutando para termos mais, ainda há poucas no Brasil.

Como estão os Conselhos no DF?

O DF é pequeno, acho que todos os conselhos estão equipados. Os que não estão, estamos conversando com os deputados do DF, porque a gente só consegue isso por emenda parlamentar, não temos recursos próprios para isso ainda. Aqueles que já receberam há cinco anos, podem receber novos equipamentos. A minha preocupação é com o Entorno: Planaltina, Valparaíso, Cidade Ocidental. O Entorno estamos





acompanhando agora.

Quais são os lugares do país mais problemáticos em relação à violência contra crianças?

Por incrível que pareça, os grandes centros urbanos. São lugares mais têm informação, deviam ser os com menos violência. Tem informação, a criança está na escola, os pais estão ouvindo todo dia televisão e rádio. Isso não quer dizer que estou anulando a violência na região ribeirinha, onde a informação não chega. Lá, a violência existe de fato. O que me causa preocupação é: ‘ah, a violência está lá porque não tem informação, mas, e aqui, que tem e a violência só cresce. Ou não estamos passando o recado direito ou ninguém está nem aí para violência contra criança.

O que foi aquele episódio das calcinhas?

Eu vou ficar na história como a ministra do azul e rosa, a ministra do pé de goiaba, a ministra das calcinhas. Fizeram de propósito. Na verdade, precisa desqualificar um pouco a ministra para dizer que esse ministério não vai dar certo. A minha preocupação é que muita gente entra nessa onda e não sabe que está sendo usado, inclusive, por

pedófilos, está sendo usado por quem não quer que acabe a violência sexual contra crianças. É bom a gente lembrar que tem crime organizado na pedofilia. É o terceiro maior ilícito em dinheiro. Nós temos imagem de abuso de criança que são comercializadas a R\$ 50 mil no mercado, estupros de bebês, tem vídeos que podem custar R\$ 50 mil. Então: vieram me justificar o abuso de crianças na Ilha de Marajó (no Pará). Abuso não se justifica, não se minimiza, não se explica e não se relativiza. Não vem dizer que é cultural. Aí, uma pessoa da Justiça sentou comigo e disse: ‘Tem um estudo que fizemos que indica que uma das coisas que pode estar atizando esse desejo absurdo pelas meninas é que elas não usam calcinhas, elas são muito pobrezinhas lá. Aquilo me irritou. Não se justifica o abuso pela falta de calcinha. Então, eu estava falando naquela mesa ali (do auditório do ministério): ‘Nós vamos cuidar da Ilha de Marajó. Dizem que lá, as meninas são abusadas porque estão com fome, então, vamos levar comida; dizem que elas estão sendo abusadas porque os pais não têm emprego, então, vamos levar emprego para lá; dizem que elas são abusadas porque não usam calcinhas, então, vamos

levar calcinha para lá, aliás, vamos levar uma fábrica’. Eu quis dizer, vamos levar um monte. Era uma indignação minha, mas não botaram as frases anteriores. Pegaram só isso, e deu aquela confusão.

E o abuso sexual é uma dor que a senhora sabe como é...

Muito. Talvez, se eu não tivesse passado não seria tão aguerrida. Eu fiz da dor a minha luta. Este ministério não trabalha só com isso, mas nesse quesito eu entro de cabeça. Todas as outras pastas trabalham, mas na pasta da criança e do adolescente, eu acho que me meto demais lá, porque é a luta da minha vida.

De que forma essa dor ainda a impacta?

A dor acompanha. Não se esquece. Não existe mágica de você apagar no seu cérebro aquilo que aconteceu, mas eu consigo lidar com a dor. Eu tenho falado muito com pessoas vítimas de abuso. Nós somos milhões no Brasil. É possível superar a dor, mas as memórias continuam. A ferida está aí. Mas como lidar com essa ferida? A gente precisa fazer uma política pública logo para lidar com tantas mulheres e homens.

MESTRADO E DOUTORADO

Um alívio para bolsistas

MEC anuncia que vai reativar 3.182 bolsas de pesquisa oferecidas pela Capes

O Ministério da Educação (MEC) anunciou ontem que vai reativar 3.182 bolsas de pesquisa que haviam sido cortadas pelo governo neste ano. Na semana passada, a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) havia anunciado um corte que atingiu 5.613 bolsas. Agora, o MEC reverteu o cancelamento de 3.182 bolsas desse total. Os benefícios serão repassados para pesquisadores ainda neste ano.

Com a retomada dessas bolsas, o saldo de cortes na Capes no ano atinge 8.629 bolsas. Esse total representa 9% das 92.253 bolsas de mestrado e doutorado financiadas pelo órgão. Essas bolsas estão relacionadas a programas com os maiores indicadores na avaliação da Capes, 5, 6 e 7.

Incremento

A retomada dessas bolsas representará um investimento de R\$ 22,4 milhões neste ano. De acordo com o ministro da Educação, Abraham Weintraub, os valores foram garantidos após negociação no Ministério da Economia.

"A gente só vai dar a bolsas se a gente tiver condições de pagar", disse Weintraub durante entrevista coletiva nesta quarta.

Como a gente não tinha a solução, a gente segurou. Encontramos a solução, estamos soltando 3.182 novas bolsas. As pessoas que já estavam fazendo pesquisa têm recursos para continuar recebendo até o



MARCELO CAMARGO/AGÊNCIA BRASIL

"A gente só vai dar a bolsas se tiver condições de pagar", disse o ministro da Educação, Abraham Weintraub

final da pesquisa deles", complementou.

O governo conseguiu, segundo o ministro, um incremento de R\$ 600 milhões para o orçamento da Capes para o ano que vem.

O projeto de lei orçamentária do próximo ano, o primeiro desenhado pela atual gestão, prevê uma forte queda dos recursos da Capes, passando de R\$ 4,25 bilhões previstos em 2019 para R\$ 2,20 bilhões em 2020.

Segundo o presidente da instituição, Anderson Ribeiro Correia, o incremento de R\$ 600 milhões vai garantir o pagamento das bolsas

vigentes, incluindo as liberadas nesta quarta-feira.

No entanto, não há recursos previstos para novos benefícios em 2020, nem retomada das 8.629 bolsas canceladas neste ano.

"Parte das bolsas será reativada em setembro, outras em outubro e novembro. A própria universidade é que vai decidir", disse Anderson sobre as bolsas descongeladas.

Outros cortes

Desde janeiro, o Ministério da Educação e a Capes já fizeram três anúncios de cortes em bolsas de pós-graduação, mestrado e douto-

rado. Em todos, o bloqueio afetou as vagas não ocupadas, que seriam (ou já estavam sendo) oferecidas em novos editais.

A falta de dinheiro também atinge o outro principal órgão de fomento à pesquisa do país – o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), ligado ao Ministério de Ciência e Tecnologia. Em julho, a entidade suspendeu a segunda fase de um edital para conceder novas bolsas, alegando falta de recursos. E, até ontem, até mesmo o pagamento das 79.538 bolsas ativas estava em xeque.

UnB é a 8ª entre as universidades

O Brasil superou Itália e Espanha e subiu da 9ª para a 7ª posição entre os países com mais representantes no ranking de melhores universidades da revista britânica *Times Higher Education (THE)*, uma das mais importantes em avaliação do ensino superior do mundo. Os Estados Unidos dominam a lista, com 172, e o Brasil tem 46. A melhor colocada - também líder na América Latina - é a Universidade de São Paulo (USP). Mas, segundo a *THE*, problemas de financiamento educacional e a "hostilidade" do governo Jair Bolsonaro ao ensino superior têm efeitos negativos

Os dados deste levantamento, que inclui 1.396 universidades de 92 países e regiões, foram divulgados ontem. A líder é a Universidade de Ox-

ford, do Reino Unido, que já ocupava o topo no ano anterior. A USP está na posição 251-300 (após o 200º lugar, as instituições são classificadas em faixas), a mesma do ano passado. A segunda brasileira melhor classificada é a Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), que ficou na faixa 501-600, mas recuou em relação ao ranking anterior, em que estava no bloco 401-500. Entre as outras brasileiras listadas, a maioria são instituições públicas. A Universidade de Brasília (UnB) manteve-se na oitava posição entre as brasileiras.

Avanço asiático

O Chile, segundo melhor país latino-americano no levantamento, tem 18 representantes. Já entre as nações emergentes, o destaque vai

para a China. Segundo a revista, a Ásia tem aumentado sua relevância no ranking, ameaçando a predominância dos Estados Unidos e da Europa. O levantamento *THE* é construído com base em 13 indicadores de desempenho, que consideram fatores como ensino, pesquisa, citações em revistas científicas, registro de patentes e internacionalização.

A editora do ranking da *THE* Ellie Bothwell classificou como "conquistista" o fato de o Brasil ter avançado em relação ao ano anterior em número de representantes. "No entanto, é lamentável que todos os novos registros (as instituições que entraram na lista) do Brasil estejam fora do top 1000 e que várias outras estejam fora da tabela. As constan-

tes questões de financiamento e a falta de uma estratégia de ensino superior não ajudam a solucionar este problema", afirmou.

Mais trabalho

"O ensino superior global está se tornando um campo cada vez mais competitivo, à medida que as instituições asiáticas continuam a crescer e o Brasil terá de trabalhar mais para fazer avanços positivos na tabela. Para tal, a crescente hostilidade do governo atual em relação à educação superior inspira pouca confiança", destacou Ellie.

Desde abril, os bloqueios de verba das universidades federais e da pós-graduação têm motivado críticas e protestos contra a gestão Bolsonaro.



MEC quer enviar ao Congresso em outubro texto do programa Future-se

Por Mariana Tokarnia -
Repórter da Agência Brasil
Brasília

O Ministério da Educação (MEC) pretende enviar ao Congresso Nacional, no início de outubro, texto que definirá o programa Future-se para que seja analisado pelos parlamentares, de acordo com informações do secretário de Educação Superior da pasta, Arnaldo Barbosa. O governo ainda vai definir se apresentará um projeto de lei ou uma medida provisória (MP).

“Essa será uma decisão especialmente do Palácio do Planalto e depende do grau de consenso que conseguiremos com os reitores. É difícil falar agora, mas não há dúvida que é urgente ter uma nova estratégia de financiamento para as universidades”, diz Barbosa, que participou nessa terça-feira (10) do programa Brasil em Pauta, da TV Brasil.

Um projeto de lei precisa

ser aprovado pelo Congresso e sancionado pelo presidente para começar a vigorar. Já a MP passa a valer assim que é publicada pelo presidente da República no Diário Oficial da União, mas precisa ser aprovada pelo Congresso Nacional no prazo de até 120 dias para ser transformada definitivamente em lei.

De acordo com Barbosa, pelo menos 16 dos 63 reitores de universidades federais têm interesse em aderir ao Future-se. “O que é uma adesão muito forte”, diz. Ele pondera, no entanto, que ainda se deve fazer uma discussão. “Não se deve falar em adesão ou rejeição porque ainda tem que passar pelo Congresso Nacional”.

Apresentado pelo MEC em julho, o Future-se, entre outras estratégias, cria um fundo para financiar as universidades federais. A intenção é atrair também recursos privados, facilitar processos licitatórios e, com isso, financiar pesquisa,

inovação, empreendedorismo e internacionalização nas instituições de ensino. Trata-se de um recurso extra. As universidades seguirão, segundo a pasta, contando com o orçamento público.

O texto do programa passou por consulta pública e recebeu mais de 20 mil contribuições. Segundo Barbosa, o MEC trabalha agora com a análise e organização das sugestões.

Ele adianta que a pasta pretende tornar mais claros alguns pontos no texto inicial, como o trecho que define a atuação de organizações sociais (OSs) e de fundações de apoio nas universidades. “Vamos deixar mais claro na proposta de alteração legislativa que as atividades que as organizações sociais e as fundações de apoio desempenharão são frutos do que o próprio conselho superior [das universidades] determinarem. Então, não há de se falar em quebra de autonomia a partir do momento em que





quem manda nas universidades é o conselho superior”, disse.

O secretário acrescentou que “o serviço prestado por essas organizações é escolhido pelos reitores”. A atuação das OSs foi um ponto que gerou dúvidas entre os reitores após o anúncio do programa.

O Future-se, de acordo com Barbosa, também vai permitir que universidades e empresas juniores, ligadas às instituições, possam ser dispensadas de licitação em contratos com a administração pública federal, estadual e municipal. “Será mais uma forma de as universidades buscarem recursos adicionais, inclusive prestando serviço de consultoria para outros ministérios”, destacou.

O programa deverá ainda premiar, com recursos adicionais, as universidades que apresentarem melhorias em índices de governança, de empreendedorismo, de pesquisa, inovação e de internacionalização.



Capes vai ofertar 3,1 mil novas bolsas de estudo até 2020

Serão R\$ 600 mi para bolsas de mestrado, doutorado e pós-doutorado

Por Mariana Tokarnia -
Repórter da Agência Brasil
Brasília

A Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) vai ofertar em 2019 e 2020, 3.182 novas bolsas de mestrado, doutorado e pós-doutorado. A nova oferta foi negociada com o Ministério da Economia. Ao todo, R\$ 600 milhões serão destinados à manutenção das bolsas vigentes e à oferta das novas bolsas.

As novas bolsas fazem parte do montante de 5.613 que não seriam renovadas, conforme anúncio feito pelo governo no último dia 2. Com a garantia de mais recursos, a Capes voltou a garantir a oferta de parte delas.

Segundo o ministro da Educação, Abraham Weintraub, as novas bolsas serão todas ofertadas em programas com notas 5, 6 e 7 - em uma escala que vai até 7 - nas avaliações da Capes. “São dos programas das melhores notas porque esses dão maior retorno para a sociedade”, disse o ministro nesta terça-

feira (11), em entrevista à imprensa.

“Como a gente não tinha a solução, a gente segurou. Encontramos a solução, estamos soltando 3.182 novas bolsas. As pessoas que já estavam fazendo pesquisa têm recursos para continuar recebendo até o final da pesquisa deles”, complementou.

Com o incremento de R\$ 600 milhões, o orçamento da Capes para 2020, que estava previsto em R\$ 2,48 bilhões, passa para R\$ 3,05 bilhões, segundo o Ministério da Educação (MEC).